

## Galeria Janaina Torres

Entrevista com RENATA PELEGRINI

Fevereiro de 2018

**Embora a linha e o desenho sejam componentes fortes de seu trabalho, a qualidade de sua pintura marca um território forte de atuação. O que significa pintar hoje para você?**

RENATA PELEGRINI: Interessante como você usou a palavra “fortes” e também “forte” para falar das duas linguagens. Em tua proposição acho que você uniu desenho e pintura por um caráter, a força. E talvez a força venha da linha, na verdade. Expressa em meu trabalho ou não, já que algumas vezes ela se torna menos preponderante, a linha é a base do meu pensamento; e foi o marco da minha instrução em arte. Ela organiza o desenho e a pintura que faço, e na prática, significa que a linha organiza o meu pensamento. Mesmo assim, minhas pinturas e meus desenhos são autônomos: eu pinto sem desenhar previamente e quando desenho não tenho que pintar aquilo que esbocei. São processos que partilham da mesma base e do mesmo suporte (papel, canvas, linho, acetato); colaboram para a “pintura”, usando a palavra que você escolheu. Eu nomeio o que faço de ‘exercício’, ou ‘tentativa’. Praticar minhas reflexões nesses ‘exercícios’ acho que significa unir diferenças e reunir possibilidades de investigação.

**Já definiram suas imagens como “paisagens móveis”. Há uma certa instabilidade na sua forma, um oscilar entre a abstração e o figurativo, entre a linha e a massa de cor. É uma escolha racional? Quando você pinta, há um plano de obra, como uma construção?**

RENATA PELEGRINI: Essas ‘tentativas’, como eu as nomeei ao responder sua primeira pergunta, trazem já em seu eixo, o ‘ensaio’, a ‘possibilidade’ de mudança. O “plano” como você pergunta é arriscado e aberto, despretenso, eu diria, e esse fato me interessa: a disponibilidade para algo que poderá acontecer, o olhar para outro lugar onde eu possa mover. Sim, isso pode parecer instável, e pode ser visto como libertador, exatamente porque é um gerador de novos caminhos, é um combustível. Nesse sentido, oscilar entre o que seja abstração e figuração, é uma consideração que produz pouco sentido no meu fazer pois parece-me um propósito bem menos aberto.

**A caligrafia japonesa é elemento de formação, está mais ou menos claro isso, nas estruturas em negro de certos trabalhos – bastante marcantes nos desenhos, por sinal. Entre o rigor japonês e a força gestual de um Francis Kline, onde você se situa?**

RENATA PELEGRINI: Sim, a caligrafia japonesa, e a chinesa me atraíram em certo momento. Esse olhar abriu nova compreensão para a relação do meu corpo com o instrumento, do instrumento com o suporte e do corpo em relação ao suporte. E você acerta em seu comentário quando fala do papel. E tenho que lembrar que o mesmo acontece com o canvas. Em ambos, o que me interessa é o vigor. Acho que Franz Kline e as caligrafias orientais me interessam nesse sentido também, por seu vigor. O nanquim, é o porto seguro nisso tudo, um dos poucos elementos estáveis nesse aprendizado oriental, eu diria.

**Seu mundo não é sereno, como já disseram. Há muita tensão subjacente aos tons suaves e terrosos de suas telas – uma gestualidade irrompe a plenitude, além de intervenções marcantes e quase agressivas de cores fortes e de negro. Como você se aproxima da tela em branco? É tenso o ato de pintar?**

RENATA PELEGRINI: A tensão, se você a vê, é uma escolha. O meu trabalho não é uma transposição do meu estado de espírito do momento ou algo parecido. É uma escolha e não há drama nisso, o risco na prática do meu trabalho me interessa.

**A arte se alimenta da arte, mas no teu caso é difícil apontar referências predominantes. A que artista, ou a quais, você gostaria de prestar uma homenagem (pergunta). Por quê?**

RENATA PELEGRINI: Talvez a Van Gogh, um dos pintores pelos quais minha mãe se apaixonou. E como lembrança dessa paixão, havia duas reproduções emolduradas em papel, na passagem de nossa sala. Elas me olhavam todos os dias, vivazes e “movediças”. Era um estímulo que se fazia notar.